


João Simões Lopes Neto: ontem, hoje e sempre

Carla Renata A. S. Gomes

Débora T. Mutter da Silva Mota

Organizadoras



Edição comemorativa ao Biênio Simoniano
2015 - 2016

Porto Alegre - Dezembro 2016

João Simões Lopes Neto: ontem, hoje e sempre
Edição Comemorativa ao Biênio Simoniano 2015-2016

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

José Ivo Sartori

Secretário de Estado da Cultura

Victor Hugo Alves da Silva

Reitor do Centro Universitário La Salle

Paulo Fossatti

Editor

Ricardo Figueiredo Nenjahr

Diretora do Memorial do Rio Grande do Sul

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Débora T. Mutter da Silva Mota

Organização

Carla Renata Antunes de Souza Gomes

Débora T. Mutter da Silva Mota

Revisores

Isabel Regina Mendes

Maria Alice da Silva Braga

Marione Rheinheimer

Mozara Rossetto

Pesquisa Histórica para a exposição

Débora Mutter

Rejane Penna

Samuel Alves

Gabriela Portela

Tiago Kieffer

Montagem da exposição

Funcionários do Arquivo Histórico, Memorial, Museu de Artes e Instituto Estadual do Livro

Designer Gráfico

Beatriz Izaguirre Motta

Fotos da Exposição

Fabiano Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J62 João Simões Lopes Neto [recurso eletrônico] : ontem, hoje e sempre / Carla Renata A. S. Gomes, Débora T. Mutter da Silva Mota, organizadoras. – Dados eletrônicos. – Canoas, RS : Ed. Unilasalle, 2016.

Livro eletrônico.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: <goo.gl/FYUCGY>.

Edição comemorativa ao Biênio Simoniano, 2015-2016.

ISBN 978-85-89177-51-1

I. Literatura brasileira. 2. Análise literária. 3. Estudos literários. 4. Crítica literária. 5. Escritores brasileiros. 6. Lopes Neto, J. Simões (João Simões), 1865-1916. I. Gomes, Carla Renata Antunes de Souza. II. Mota, Débora Teresinha Mutter da Silva.

CDU: 821.134.3(81).09

Bibliotecário responsável: Samarone Guedes Silveira - CRB 10/1418

Editora Unilasalle

Av. Victor Barreto, 2288 | Canoas, RS | 92.010-000

+55 51 3476.8603

editora@unilasalle.edu.br

Ilustrando Lendas Do Sul: poéticas verbais e visuais na obra de João Simões Lopes Neto ¹²⁰

Paula Mastroberti

Com meus agradecimentos a:

Patrícia Langlois, Diretora do Instituto Estadual do Livro

Victo Hugo Alves da Silva, Secretário de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul

E também:

Kaue Nery dos Reis, monitor de extensão

Bruna Müller e Jacqueline Buchabqui, bolsistas encarregadas de documentar o curso e este evento

Aos alunos do Curso, pela participação assídua e entusiasmada.

Epitexto

Há alguns anos, entrevistada pelo Jornal Zero Hora acerca de uma campanha de estímulo à leitura literária, fui perguntada sobre que livro gostaria de encontrar perdido por aí, em algum recanto de Porto Alegre. Num ímpeto, até porque a entrevista, realizada por telefone, não me permitia maiores ponderações, respondi que adoraria encontrar um exemplar de *Lendas do sul*, de João Simões Lopes Neto: não qualquer exemplar, porém, mas aquele ilustrado por Nelson Boeira Faedrich, uma edição da Editora Globo esgotada há décadas.

A matéria foi publicada na primeira página do Segundo Caderno e, quase em seguida, recebi um telefonema de Cezar Prestes, então Diretor do Acervo da Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil – APLUB, convidando-me a comparecer na sede para receber um presente. É sempre com muita gratidão e muito prazer que recordo a tarde em que recebi, de suas mãos, o exemplar n. 1885 de uma edição de *Lendas do sul* ilustrada pelo famoso artista gaúcho. Trata-se de uma obra comemorativa do 10º aniversário da Associação, publicada em 1974, com tiragem de apenas 2000 exemplares. Ela vem em capa dura e miolo em papel importado, embalada em uma caixa totalmente decorada pelo artista.

Gosto de contar essa história porque ela permite revelar de imediato meus maiores amores: literatura, artes gráficas e livros. A mesma história permite-me destacar, entre os autores e artistas incluídos em meu cânone particular, duas de suas maiores estrelas: João Simões Lopes Neto e Nelson Boeira Faedrich. É em virtude desse acontecimento e do meu amor aos livros ilustrados, à literatura de Simões e à arte de Faedrich, somados ao entusiasmo de Patrícia Langlois, Diretora do Instituto Estadual do Livro, nosso parceiro, que surgiu a ideia de um Curso de Extensão especialmente criado para desenvolver um projeto integrado ao Biênio Simoniano e que unisse, em caráter interdisciplinar, Artes Visuais e Literatura, tendo a obra *Lendas do sul* por referência.

¹²⁰ Palestra realizada no dia 7 de junho de 2016, como parte do Seminário João Simões Lopes Neto: ontem, hoje e sempre.

Extensão e pesquisa em artes gráficas e sequenciais

O Curso de Extensão *Ilustração e Livro-Arte: Produção, Leitura e Ensino* foi criado como uma ação inserida em um projeto de pesquisa meu aprovado pelo Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e que prevê a criação de metodologias interdisciplinares entre artes visuais e literatura, entendendo esta última como inserida no campo das artes. Assim, a apreciação literária desejada em minha pesquisa não decorre de exercícios interpretativos apoiados nos usos meramente comunicativos da língua, como em geral se realiza nas abordagens tradicionais, mas deve antes decorrer de um processo de apropriação estética do verbo em sua função poética, tendo em vista a palavra em sua imanência sensorial.

Nesse sentido, textos como os de *Lendas do sul* caem como uma luva, em virtude de suas qualidades imagéticas sonoras e visuais, da riqueza metafórica e alegórica não apenas presente no teor diegético das lendas em si, mas na materialidade com que o autor dispõe o discurso narrativo, apontado para si mesmo. Pois é impossível ler algo como

E os seus ossos aí estão acimentados, em pura pedra virados; a carne que os cobria deu terra negra; os cabelos são os matos, matos que bebem o sangue, que nos parece a nós apenas cascatinhas e vertentes; os lugares ocados que aparecem são os buracos do seu corpo, da sua boca e olhos, do seu nariz e ouvidos... As veias deram em ferro, e os nervos, como parte delicada, viraram-se em ouro e são os veeiros amarelos que se entranham por aí abaixo, adentro da crosta, tal e qual como os nervos estão entranhados na carnadura da gente (NETO, 1974, p. 111).

e não reconhecer um sabor que preenche a boca ao salivar cada palavra, uma textura perceptível da língua ao palato, uma carnalidade de se abocanhar entre os dentes.

Por outro lado, essa pesquisa, inserida por sua vez numa linha mais ampla de investigação particular, tem por objetivo promover o campo das artes gráficas –ilustração, quadrinhos, animação e jogos eletrônicos – como uma área de conhecimento científico tão importante e necessitada de atenção acadêmica quanto os demais saberes já consagrados e reconhecidos pelo campo teórico. Assim, outras ações já foram geradas no sentido de qualificar não só o artista gráfico profissional ou em formação através do aprofundamento conceitual, criativo e teórico, mas de oferecer um lugar na universidade para pesquisa e leitura crítica desses objetos com vistas à educação.

Para a ação de extensão da qual falamos, a proposta acordada a partir do compromisso afirmado com o Instituto Estadual do Livro, foi a de produzir pelo menos o projeto de uma obra comemorativa ilustrada, cujo resultado esteja à altura da qualidade dos textos de Simões Lopes Neto. As ilustrações serão elaboradas durante e a partir do curso que ainda está em andamento, sob minha orientação. Os participantes são artistas iniciantes ou com atuação profissional parcialmente consolidada, cujos portfólios e cartas de intenção foram selecionados por uma comissão de avaliação que contou, entre outros nomes, com Ana Aita, Diretora do Instituto Estadual de Artes Visuais. No total, obtivemos 47 inscritos, dos quais 24 foram selecionados.

Preparando o ilustrador para *Lendas do sul*

Como preparar artistas para a produção de ilustrações de uma publicação à altura da obra de

Simões Lopes Neto? Como estimular uma conversa com esse texto, com a poesia de suas palavras?

Para responder a essas questões, propus uma metodologia cujo objetivo ultrapassa a competência técnica e artística; o participante deve aprofundar a leitura da obra, pesquisando-a como propõe Gaston Bachelard:

[...] uma pesquisa fenomenológica sobre a poesia deve ultrapassar, por imposição dos métodos, as ressonâncias sentimentais com que, menos ou mais ricamente — quer essa riqueza esteja em nós, quer no poema —, recebamos da obra de arte. É nesse ponto que deve ser sensibilizada a alotropia fenomenológica das ressonâncias e da repercussão. As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência. Na ressonância ouvimos o poema; na repercussão o falamos, ele é nosso. A repercussão opera uma inversão do ser. Parece que o ser do poeta é o nosso ser (BACHELARD. 2005: 7. Grifos meus.).

Assim, para obtermos tal fenômeno repercutivo no ser de cada artista participante, foi preciso, primeiramente, estimular nele o exegeta; este é o primeiro diferencial entre o ilustrador de textos literários e os demais profissionais que atuam no campo da comunicação. Sua base semiótica deve impeli-lo em direção a uma translação do signo em seus aspectos sensíveis, de modo que sua arte comporte-se como o rastro, o sulco gerado a partir da apropriação do texto – e cada rastro, cada sulco, será uma marca pessoal e única de leitura.

A partir da leitura e de suas marcas, o artista ilustrador é então convidado a mergulhar nos contextos da ilustração e do ilustrar. Esses contextos não são pequenos, nem fechados, como muitos poderão pensar – pois não se trata de produzir uma arte dita como “secundária” a partir de uma arte considerada “primeira”? –, mas plurais e infinitos, diante dos quais o texto é proposto como um portal de acesso. No caso da obra selecionada, envolvem todo um saber sobre a vida humana e animal e sobre a paisagem e cultura de nossa terra *riograndina*, emergentes em suas visualidades e virtualidades: o desenho, como a palavra, designa, mas o pictografar expressivo dos corpos, do tempo e do espaço presentes nas lendas simonianas pedem uma aproximação diversa da descrição em palavras. O traslado do “escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão” pode parecer simples, quando, com base em nossos horizontes imaginários, a figura do Negrinho do Pastoreio surge plena à nossa mente. Contudo, quanto esforço é preciso para que nossa mão ressignifique, através de gestos, ao empunhar o lápis ou a caneta, o pincel ou a pena, a imagem mentalizada?

Dirá Derrida que o desenho é cego. Mas lá pelas tantas, ele dirá também que, “por acidente, e às vezes à beira de um acidente, encontro-me escrevendo sem enxergar” (DERRIDA, 1993)¹²¹. Assim Derrida reúne a escrita e o desenho, congraçando-as num mesmo gesto. Confirma-se que, tanto quanto o vocábulo “negrinho” não é o negrinho ou *um* negrinho, da mesma forma a ilustração não realiza a personagem enquanto ser, mas a virtualiza. E serão os olhos do leitor, ao decodificar cada palavra e traço, ambos gestos, que finalmente enxergarão a personagem para incorporá-la ao seu acervo imaginário de “negrinhos do pastoreio”.

Em outras palavras: reconhece-se, no gesto escritor de João Simões Lopes Neto, sua *arsscriptoris*; portanto, o artista que reconhece na ilustração o gesto poético, este fará da sua ilustração uma *arspicto-*

¹²¹ Na edição em inglês: *By accident, and sometimes on the brink of an accident, I find myself writing without seeing*. (Tradução Passcale-Anne Brault e Michael Naas; tradução para o português minha.)

ris. E para que o leitor reconheça ambas as qualidades, é preciso que ele penetre através da superfície do texto e da pictogravura impressos, e vislumbre as marcas deixadas pelo gesto – os seus rastros, os sulcos que compõem não apenas o visível, mas o poético perceptível em suas ressonâncias.

Promover o poético no interior de uma arte que já nasce em deriva à poesia alheia não é fácil. Ilustrar pressupõe, desde o início, uma dependência do espaço e do tempo gerados pelo verbo. É o verbo que principia, declara o *Genesis*, livro primeiro. A ilustração emergiria como uma Eva, costela secundária ao corpo de Adão. Ambos dependentes de uma semiótica anterior, que tudo “deus-signa”. É possível a ilustração, substantivo feminino, emancipar-se ao texto-patriarcal? É possível conjurar um discurso sobre o prazer da ilustração, semelhante ao discurso fálico e barthesiano (BARTHES, 2006) sobre o prazer do texto?

Sim, é possível, se recuperarmos a arte de ilustrar como anterior à arte de escrever. O hieróglifo e o ideograma como predecessores da palavra. A ilustração é mãe não só do verbo, mas da própria tipografia – matriz gravada onde o fonema torna-se grafema, e a letra torna-se o átomo da molécula-palavra. A ilustração, ainda em sua feição de gravura, é também a mãe do livro, da capa ao miolo, tal como hoje o conhecemos. Pois as tecnologias que geraram o livro em sua artesanaria industrial, advieram das oficinas xilográficas. Teríamos aí uma história contada por vozes que perpetuam a mesma visão que aboliu Lilith do discurso bíblico. Foi Adão quem nasceu da vulva de Eva, a Sheela na Gig rejeitada pela história ocidental. E a serpente do conhecimento, cuja pele de papiro mutou em pergaminho, assumiu séculos depois a conhecida tessitura celulósica. Hoje, essa serpente rasteja feito Boitatá, luminosa e digital, sempre seduzindo o humano curioso e afeito em resolver os mistérios do mundo, nem que seja por via do imaginário e da ficção – via essa que, conforme dizia Aristóteles (ARISTÓTELES, 2005), seja talvez mais verdadeira do que os próprios acontecimentos narrados como fato.

Faz parte, igualmente e portanto, dos objetivos do curso, promover a arte de ilustrar como feito poético, e será este viés o emancipador em relação ao texto a partir do qual a ilustração foi gerada. Faz parte, ainda, e portanto, dos objetivos desse curso, comprovar o famoso verso de Horácio “*ut pictura-poesiserit*” [como a pintura, assim a poesia]. Ao valorizar o gênero artístico da ilustração, valorizamos o profissional ilustrador como um poeta das linguagens plástico-visuais não só diante da área de Artes, mas diante da própria Literatura, aqui entendida, repetimos, como Arte.

Portanto, a metodologia, embora tematize *Lendas do sul* o tempo todo, segue, a partir da leitura, em prioridade do aprofundamento técnico e teórico necessário para a elaboração de um discurso gráfico-visual competente e colorido. O anexo do termo *colorido* ao adjetivo *competência* é proposital: a cor é um dado significativo importante, raras vezes mencionado ou abordado em sua especificidade no ensino do ilustrar. Não se trata apenas de compor com cores, harmonizando escalas cromáticas de modo agradável aos olhos aos quais se destina; trata-se de obter efeitos e sensações complexos e variados, emocionais e intelectivos, a partir de uma paleta selecionada de forma criteriosa. Trabalhar com cores exige conceito, exige técnica e conhecimento de sua semiótica particular. O campo teórico que envolve a aplicação e a leitura da cor é vasto e, muitas vezes, árido, pois envolve ciências como a Química, a Física, a Filosofia, a Sociologia, a Comunicação e a própria Teoria da Arte.

Afora isso, temos o problema nem sempre levado em consideração acerca da reprodução das cores por via das matrizes de impressão. Embora as tecnologias tenham sido muito aprimoradas, em virtude dos aparelhos e máquinas eletrônico-digitais, os percursos seguidos e que conduzem uma arte

primorosamente manufaturada em tintas delicadas como a aquarela até sua reprodução no livro, seja qual for o seu formato ou tipo de papel, exige do artista um preparo e um aprofundamento teórico de coloração muitas vezes ignorado, inclusive pelos próprios artistas. Assim, começo minha aula sobre a cor na ilustração declarando, radicalmente: “preparem-se para o luto da cor”. Pois é isso mesmo: a reprodução não será o original, a cópia não é um clone, e a cor oferecida pela máquina de impressão, seja ela offset ou laser, é a cor gerada por uma leitura própria, e será tanto mais acurada quanto melhor for preparado o original para ser lido. O ilustrador depende, assim, da sensibilidade dos operadores gráficos igualmente entendidos na poesia do ilustrar, respeitosos das qualidades significativas embutidas por via de pincéis, de lápis, de penas e tintas ou de quaisquer outros materiais artísticos que possam vir a ser utilizados. O bom técnico copista, gerador de matrizes para reprodução das artes ilustrativas, também precisa ter olho de artista. Contudo, isso é muito pouco ou nada falado quando se trata da preparação profissional do ilustrador, que muitas vezes abandona as artes já prontas a um *bureau* desconhecido.

Da mesma forma, mesmo o ilustrador literário familiarizado com as ferramentas digitais necessita de atualização constante, pois não há formação adequada para este campo de trabalho, como há para o fotógrafo ou ilustrador publicitário. Trabalhar com artes em meio digital requer outra abordagem da cor, levando em consideração sua aditividade – ao contrário da cor pigmento, que lida com subtrações de luz. Requer também uma aparelhagem cara, muitas vezes não-financeável, de modo que o artista saiba e tenha controle satisfatório sobre o resultado cromático e suas texturas. Ainda não temos um software compatível com os desejos artísticos do ilustrador literário. Lidamos com um software preparado para atender às demandas da fotografia e das artes publicitárias.

Decorrente dessas preocupações, minha metodologia estende-se para além da qualidade artística da ilustração, mas procura abraçar, ainda que de modo incipiente, as temáticas relativas ao mercado, disponibilidade de recursos e contextos socioeconômicos e culturais que envolvem a profissão do ilustrador e a indústria do livro, ciente de que esses contextos acabam por retroagir sobre os efeitos poéticos das artes ilustrativas e sobre o próprio design do livro, compreendido por mim também como arte. Assim, a maior riqueza do curso está justamente em nossos encontros semanais, onde experiências e reflexões são trocadas livre e espontaneamente. É neste momento que eu saio do meu avatar de professora e, como artista-ilustradora, junto-me a eles compartilhando dúvidas e incertezas. É este o meu momento de aprender, de revisitar saberes já dados como estáveis, um privilégio talvez só usufruído por aqueles que se ocupam da educação em arte – assunto que naturalmente permite e estimula, por princípio, a desestabilização, o incômodo positivo e saudável, resultando na relativização de nossas verdades e no aprendizado mútuo.

Observações finais

Quando era graduada apenas no Bacharelado em Artes, então denominadas Plásticas, obtive o reconhecimento, por parte da comunidade gaúcha, por minhas atividades como escritora. Por conta disso, dediquei seis anos de minha vida a complementar minha formação artística com uma pós-graduação em Teoria da Literatura. Esse percurso interdisciplinar tem me permitido atuar nos entrelugares da Linguagem e da Cultura. Permitiu-me valorizar a literatura como arte e as artes visuais como um discurso importante ao lado do verbo.

A oportunidade de poder atuar e de abrir um espaço acadêmico interdisciplinar, oferecida no momento em que ingressei como docente no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é entendida por mim como um reconhecimento ao trabalho que venho desenvolvendo ao longo de décadas de dedicação como artista plástica, escritora, pesquisadora e educadora. Para mim, ações de extensão como o Curso Ilustração e Livro-arte possibilitam continuar atenta às demandas da comunidade gaúcha onde a Universidade – campus federal – se insere. Mas acima de tudo, a extensão universitária, lugar favorito de atuação, permite-me prosseguir como um corpo criativo presente e atuante na arte e na cultura do meu estado e país.

Posso afirmar que o Curso que promove e reúne poéticas visuais e verbais em torno da obra de João Simões Lopes Neto, já apresenta, antes mesmo de sua conclusão, resultados positivos: primeiro, porque, ao abrigar-se no Instituto Estadual do Livro, comprova-se a distinção das artes ilustrativas como linguagem participativa e consagrada ao lado da literária; segundo porque, ao reconhecer o potencial e ao abrigar o conjunto de artistas participantes no desafio de ilustrar *Lendas do sul*, a literatura gaúcha, representada por sua instituição maior, reconhece e valoriza a ilustração e o ilustrador gaúcho como transcriador à altura do seu homenageado autor.

Resta cumprir e dignificar ainda mais a parceria, concluindo o curso de forma a iluminar a obra de João Simões Lopes Neto; aguardamos um resultado que culmine na aprovação e na publicação de fato de nosso trabalho.

Referências

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINUS: **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix: 2005.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DERRIDA, J. **Memoirsoftheblind**: the self-portraitandother ruins. Chicago: University of Chicago, 1993.
- LICHTENSTEIN, J. (Org). **A pintura**: textos essenciais, v. 7. São Paulo: 34, 2005.
- LOPES NETO, J. S. **Lendas do sul**. Ilustrações de Nelson Boeira Faedrich. Porto Alegre: Globo/Aplub, 1971.

Maria Alice da Silva Braga - Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul. Doutora em Crítica Genética pela mesma universidade e professora do Curso de Letras da ULBRA, campus de Canoas. Autora da obra *Manoelito de Ornellas: vida e obra de um ex-presidente da ARI* e organizadora do livro *Cem anos sem Machado*.

Maria Eunice Moreira - Professora doutora, pesquisadora, titular da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do RS, com vasta publicação na área da historiografia e da teoria da literatura. Autora de *Regionalismo e Literatura no Rio Grande do Sul*, *Apolinário Porto Alegre*, *Nacionalismo literário e crítica romântica*, entre outros.

Patrícia Langlois - Artista plástica, ilustradora, arte educadora e escritora na categoria Infantojuvenil . Autora e ilustradora do livro *Tudo que Couber no Coração*. Diretora do Instituto Estadual do Livro – IEL.

Paula Mastroberti - Artista plástica e doutora em letras, escritora e ilustradora brasileira com 10 livros publicados. Professora do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coordenadora da Extensão Ilustração e Livro-arte: Produção, Leitura e Ensino. Autora do livro *Heroísmo de Quixote*, segundo lugar na categoria melhor livro juvenil do Prêmio Jabuti em 2011.

Paulo Amaral - Artista plástico, curador, crítico de arte e membro da Academia Brasileira de belas Artes e atual diretor do MARGS. Como escritor, Paulo Amaral é autor de textos críticos sobre arte em livros e catálogos e colaborador de jornais brasileiros em que predominam crônicas e ensaios.

Regina Silveira - Professora doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, titular do UniRitter Laureate International Universities, Porto Alegre, RS. Autora de *Redes & Capulanas: identidade, história e cultura nas literaturas lusófonas*; *Literatura, História e Cultura Africana e Afro-brasileiras nas Escolas: redes de possibilidades para o cumprimento da legislação* - Lei 10.639/2003 e 11.645/2008.

Regina Zilberman - Professora Doutora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; pesquisadora e autora de variadas obras na área da literatura. Entre suas publicações estão *A literatura no Rio Grande do Sul*, *A terra em que nasce*, *Mario Quintana literatua comentada*.

Rejane Penna - Doutora em História Íbero-Americana (PUCRS). Historiógrafa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Organizadora do livro *O tempo e o rio grande nas imagens do arquivo histórico do RS*, Prêmio Açorianos 2012 na categoria Especial.

Simone Saueressig - Escritor com vários títulos publicados em diferentes editoras. Entre seus títulos está *Aurum Domini – O ouro das Missões*, que recebeu o prêmio Narrativa Longa, da Associação Gaúcha de Escritores, em 2011; *Receita para um dragão*; *Fortaleza de Cristal*.